

Ciclistas e pedestres disputam as pistas

JOÃO RAFael TORRES
DA EQUIPE DO CORREIO

A regra é clara, mas nem sempre cumprida à risca. No circuito interno do parque da cidade, cada um deveria ocupar seu espaço: ciclistas na faixa externa, que tem dois metros de largura, pedestres na faixa interna, com quatro metros. O índice de acidentes é baixo e, na maioria das vezes, não resulta nem em escoriações. Mesmo assim, as constantes invasões de área aborrecem freqüentadores.

A pista conta com anéis de 10km, 6km e 4km. É o ponto mais freqüentado nos fins de semana e feriados, segundo a Administração do Parque. Nos dias de céu limpo, o movimento começa cedo, antes das 8h, diminui por volta do meio-dia, para crescer novamente depois das 15h. Em alguns pontos, a pista com 6m de largura fica pequena para tanta gente. As áreas que ficam perto da administração e do Lago dos Pedalinhos são as mais cheias. A maioria é de atletas de fim de semana.

De acordo com o administrador Cássio Poli, o público só descobriu o espaço para caminhadas e passeios de bicicleta na década de 80. Ele conta que a pista foi planejada para a circulação do trenzinho, que levava as pessoas de uma atração para outra. Com a divulgação do cooper, o público resolveu aproveitar melhor a pista. A procura foi tanta que a administração resolveu mudar o circuito do trenzinho para o anel externo.

Todos os fins de semana, a analista comercial Poliana Barca, 27 anos, vem da Asa Norte com sobrinhos e amigos para fazer caminhada, que mais parece um passeio, pela animação do grupo. "O espaço é bem agradável e encontramos pessoas interessantes", diz Poliana. Ela não vê problemas de convivência entre os diferentes usuários. "É uma questão de administração e controle. Com respeito, sobra espaço pra todo mundo."

Entre os ciclistas, a reclamação é constante. Eles dizem que o espaço reservado para as bicicletas é pequeno para o número de pessoas que usam a pista. Morador da Asa Norte, o estudante Alaor Rocha, 32, diz que é preciso ficar atento aos pedestres que invadem a ciclovía. Nos dias de maior movimentação, ele prefere andar em baixa velocidade com medo de atropelar crianças. "Muitas vezes, os pais se distraem e temos de frear em cima dos meninos. Se não temos controle da bicicleta, podemos provocar um acidente."

A Ong Rodas da Paz, que defende os direitos dos ciclistas, apóia a criação de uma ciclovía no anel externo do parque, onde os carros circulam. De acordo com a presidente da entidade, Beth Velloso, a pista única para ciclistas e pedestres vai contra o Código Brasileiro de Trânsito. "Como veículo de locomoção, as bicicletas devem circular ao lado dos carros, e não das pessoas", explicou. O projeto foi encaminhado para a Administração do Parque e aguarda aprovação.

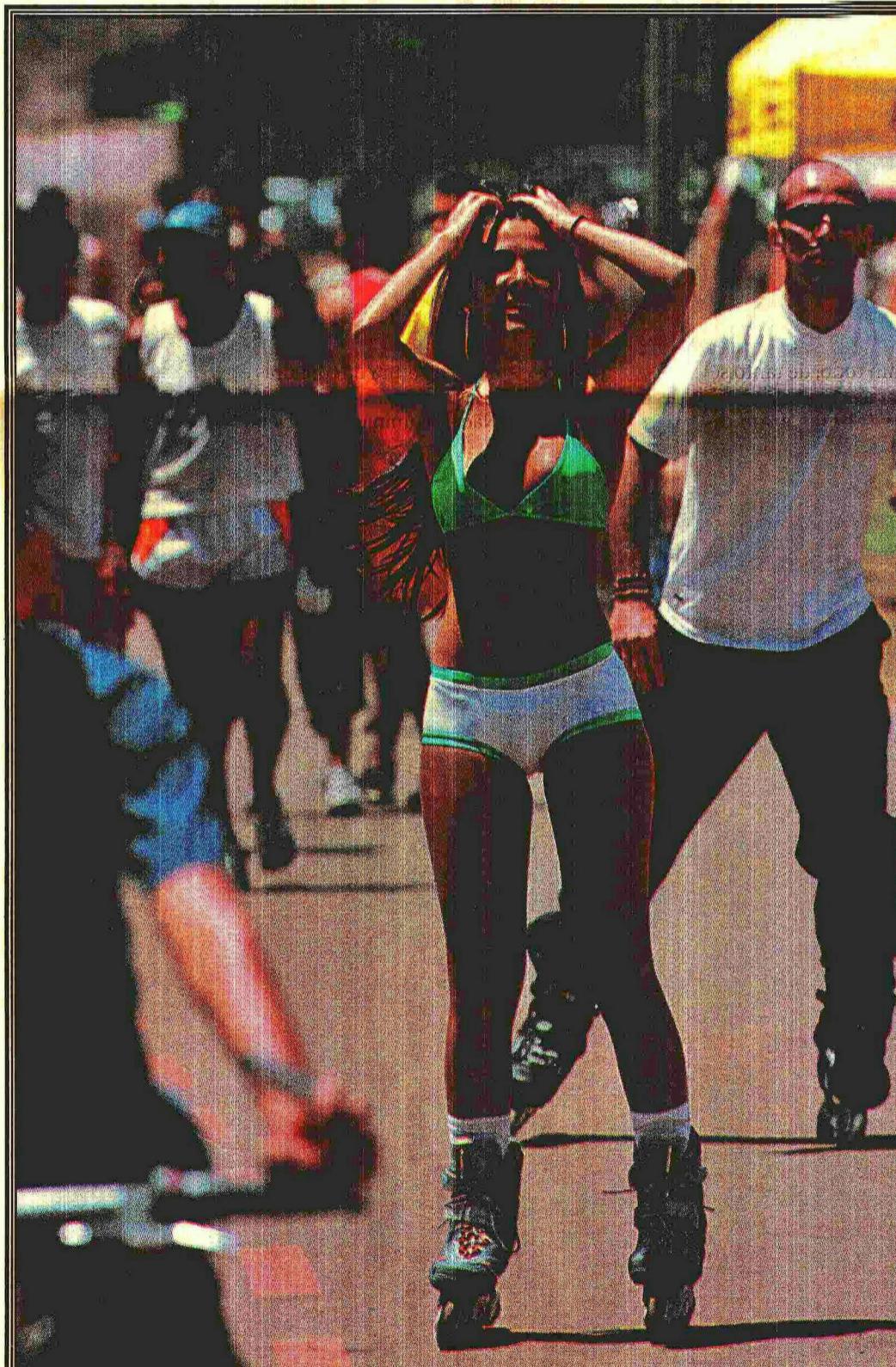
Mesmo nos dias úteis, é comum encontrar vários usuários pela via. O funcionário público Geraldo Custódio, 49, não dispensa a corrida matinal diária no parque. Até mesmo nos fins de semana ele chega por volta das 6h, faz um percurso de 9km e pára no Quiosque do Atleta. "É um hábito saudável. Venho, me revigoro e depois vou trabalhar."

Quando pensou em separar a ciclovía da pista, a Administração do Parque não previu que outras categorias de esportistas, como patinadores e skatistas, acabariam compartilhando o espaço com os pedestres. O problema maior está nos iniciantes, que ainda não dominam o esporte.

A estudante Patrícia Obeid, 15, comprou todo o aparato de segurança para aprender a andar de



POLIANA BARCA (C) LEVA SOBRINHOS E AMIGOS PARA A CAMINHADA: "ESPAÇO DE SOBRA"



PATINADORES E SKATISTAS DIVIDEM AS PISTAS COM OS PEDESTRES: IMPOSSÍVEL SEPARAR

patins, mas ainda tem dificuldades na hora de parar. Por isso, prefere usar a via fora dos horários de pico. "Quando está muito cheio, acho perigo-sso por causa das bicicletas", afirmou.

De acordo com o administrador Cássio Poli, a separação dos patinadores e skatistas é inviável. Ele acredita que quanto mais separados, maior a possibilidade de confusão entre os visitantes. "A identificação das áreas se transformaria num inconveniente para os visitantes que vêm pouco ao parque", justificou.

Melhor amigo

Os cães também são motivos de queixas constantes na via. O público reclama que os animais intimidam os pedestres, além de sujar o parque com fezes. "Acho um desrespeito. Quem vem com o cachorro deveria pelo menos trazer um saco de lixo e recolher o rastro do animal", protesta a advogada Débora Passos, 44, moradora do Cruzeiro.

Os donos dos bichos se defendem. A produtora artística Mirthya Galvão, 41, leva dois cães (um cocker spaniel e um filhote de pit bull com doberman) para passear no parque, todas as semanas. Os animais ficam sempre na coleira, sob o controle de Mirthya. "Sei que muitas pessoas têm medo. Por isso prefiro vir no começo da noite, quando a circulação é menor", explica.

Namoro no escuro, vida em risco

O processo de revitalização entre 1999 e 2002 deu segurança ao Parque da Cidade. O número de ocorrências registradas nos últimos meses, de acordo com informações das polícias Civil e Militar, corresponde a casos corriqueiros, como furtos nos estacionamentos e lesões corporais provocadas em brigas nos bares. Mesmo assim, assassinatos marcam o parque nos últimos anos.

O administrador Cássio Poli conta que quando assumiu o parque, em 1999, apenas quatro pessoas faziam a segurança. A iluminação era insufi-

ciente, tornando o parque um local perigoso, especialmente à noite. "Tínhamos uma incidência grande de prostituição e consumo de drogas. Tivemos que pensar em algo para moralizar o ambiente e trazer o público de volta."

A primeira medida foi executar um novo projeto de iluminação. Em seguida, a segurança foi reforçada. Hoje, são 32 vigilantes de empresa particular fazendo a guarda 24h por dia. A cada turno, 16 agentes fazem rondas constantes, com quatro viaturas e três motocicletas.

Além disso, desde novembro de 2000 o parque conta com o reforço do 3º Esquadrão de Polícia Montada. São 97 homens e 42 cavalos dedicados à fiscalização do Parque, das 7h às 23h. A cada turno, pelo menos 12 policiais montados percorrem as atrações, para dar segurança aos freqüentadores.

Nos últimos 60 dias, a 1ª Delegacia de Polícia, que cobre o parque, registrou oito ocorrências. Foram cinco furtos no interior de veículos, um roubo

de celular e duas lesões corporais. Números que, para o delegado chefe Antônio Cavalheiro, demonstram a tranquilidade da área de lazer.

Segundo o delegado, os estacionamentos ainda despertam preocupação. A freqüência de casais que procuram o parque para namorar continua a atrair bandidos. "Mesmo com todas as recomendações, os casais ainda procuram os pontos mais escuros para encontro. Com isso, a ação dos marginais fica facilitada", explica Cavalheiro.

O comandante do 3º Esquadrão de Polícia Montada, tenente Fábio Augusto Vieira, afirma que o risco é maior entre pessoas que saem do carro em busca de aventuras sexuais. "Quanto mais se afastam dos veículos, maior o risco", pondera. A preocupação se justifica. Nos últimos cinco anos, quatro pessoas foram assassinadas nos estacionamentos.

O bancário Nivaldo Carvalho da Silva, 39 anos, foi a vítima mais recente. O corpo dele foi encontrado com um tiro na cabeça, às 15h20 do dia 7 de

julho, um domingo de sol, no estacionamento do Expobrasília. O carro e o aparelho celular do bancário foram roubados.

Em 22 de setembro de 2000, o funcionário do Banco Central Marco Túlio Pelosi, 34, foi vítima de sequestro relâmpago quando conversava com um amigo no mesmo estacionamento. Eles foram levados por dois bandidos para o Guará. Marco Túlio morreu baleado na cabeça.

No dia 3 de março do mesmo ano, o maquinista Leônio Borges de Souza, 33, andava de bicicleta por volta das 14h40 quando foi abordado por dois assaltantes. Ele foi morto com um tiro no estacionamento 10, próximo ao Lago dos Pedalinhos. O assassinato de um padre chocou a população no dia 24 de junho de 1998. Paulo Sérgio Figueiredo foi abordado no estacionamento 3, perto do Gibão, quando conversava com um rapaz dentro de seu carro. Ele tentou fugir dos assaltantes e levou um tiro no peito.